



## NOTAS PARA UM DIÁLOGO

Cecilia T. Rodríguez

Traducción: Leda Herrmann

Durante os cem anos desde a fundação do primeiro Instituto<sup>1</sup> criado para a formação de analistas, a transmissão da psicanálise tem mantido a sua validade. Geração após geração, ao longo do turbulento século XX, a barbárie e a cultura deram forma a diferentes males que andam de mãos dadas com transformações subjectivas e mudanças paradigmáticas que a psicanálise tem enfrentado num movimento contínuo.

Hoje, enquanto atravessamos a grave crise humanitária desencadeada pelo aparecimento do Covid-19, enfrentamos uma situação que perturbou o mundo, e no ritmo vertiginoso da urgência, os psicanalistas, em muito poucos dias, tiveram de mudar a nossa forma de trabalhar, fazendo fronteira com a perplexidade, e enfrentando cenários completamente novos que, de longe, transcendem o mero facto de trabalhar na virtualidade.

Para todos, mesmo sem experiência prévia e tendo de superar fortes resistências, tem sido a forma de continuar o trabalho clínico, numa altura em que, além disso, é essencial. Os analistas em formação passam actualmente pela dupla experiência de analisar e ser analisados nestas circunstâncias, e somos chamados a pensar, mais uma vez, na especificidade do processo analítico e na solidez que a sua transmissão requer para sustentar a prática num mundo em mudança, que necessita de abertura e movimento, bem como de

---

<sup>1</sup> O primeiro instituto de formação psicanalítica estruturada foi fundado em Berlim em 1923,



bases sólidas que tornem possível no analista a profundidade da experiência clínica e a agudeza do pensamento analítico. E é precisamente esta última que requer uma atenção constante em termos de transmissão e formação psicanalítica. Face às diferentes circunstâncias em que a posição analítica é convocada requer o quadro interno proposto por André Green (2003)<sup>2</sup>, mas sabemos que esta internalização não depende apenas dos modelos formativos, mas também do imensurável desta viagem em que a fronteira entre analista e analisado em formação é algo difusa. Contudo, há um ponto nesta viagem em que se marca um início, com a entrada nos institutos, e uma passagem em que nenhum diploma ou grau, para além do acto simbólico, dá conta do que significa ser um analista.

Este é sem dúvida um dos aspectos mais controversos, a relação da psicanálise com as instituições psicanalíticas. Paradoxalmente, a instituição deve ter o cuidado de não institucionalizar a psicanálise<sup>3</sup>.

É importante pensar continuamente nas análises dos analistas, que são realizadas nesse quadro, nas supervisões, e nos seminários. Em cada um destes campos existem problemas particulares que, ao longo dos anos, têm exigido importantes debates, propostas, acordos e diferenças que conduzem ao aprofundamento necessário para repensar de acordo com contextos, tempos e circunstâncias.

---

<sup>2</sup> Green, A. (2003) Nuevas directrices para un psicoanálisis contemporáneo. Ed. Amorrortu, Buenos Aires.

<sup>3</sup> "A natureza peculiar do inconsciente precisa de ser protegida por instituições que o abrigam, e inversamente, paradoxalmente, as estruturas institucionais precisam, para sobreviver, de domesticar, apaziguar e aplacar o objecto cuja transmissão eles apoiam. Esta tensão é inevitável e da sua gestão depende da eficácia das instituições e da transmissão da psicanálise..... Concordo com Jaime Spilka, a formação deve ser mais centrada na subversão da cura do que na adaptação à instituição" em em Caliban RLP, Tradição/Invenção



Devemos também contemplar que o mundo está a mudar, mas existem problemas que se repetem, que insistem ao longo das gerações.

Em termos de transmissão da psicanálise, ao longo da história, o triângulo da paixão, do poder e da política tem sido inseparável da formação, e em cada um dos seus campos deve ser considerado no seu alcance e riscos.

Paixão, no que diz respeito ao coração da nossa prática: As transferências e os seus destinos no espaço de análise e supervisão didáctica. A política, no que se refere à polis, o laço social, os espaços institucionais com as suas normas, hierarquias de regras, processos de legitimação, inclusão ou exclusão, em que a tensão permanente entre a subversão da análise e a adaptação à instituição faz fronteira perigosamente com os sofás. O poder, inevitável em todas as relações humanas, no nosso campo deve ser pensado em relação ao duplo poder/conhecimento que é implantado nos diferentes campos do tripé. No centro de tudo isto, o eixo deve ser a dimensão Ética. A reflexão crítica e o diálogo intergeracional são fundamentais para sustentar o poder das nossas instituições e para temperar os riscos que devem ser limitados.

Na América Latina, um território fértil que se alimenta da riqueza de duas línguas, e uma hibridização cultural em que a psicanálise teve uma inscrição importante, as contribuições dos colegas que se dedicaram ao tema da transmissão da psicanálise, da formação psicanalítica e das instituições são inevitáveis. Eles são sempre um bom caminho para pensar e pensar em nós, uma vez que todos nós fazemos instituições.



FRONTERAS  
33º CONGRESO  
LATINOAMERICANO  
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO  
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE  
2020



As instituições psicanalíticas, além de acolherem novas gerações de analistas, de se reunirem em torno das nossas filiações, têm também um lugar importante dentro da comunidade em que se encontram. O mal-estar da cultura requer o envolvimento de psicanalistas e também a sua inserção nos vários campos em que a escuta e a fala servem de resistência aos processos de des-subjectivação que pervertem o laço social. Na América Latina, enfrentamos níveis muito elevados de violência, marginalização, exclusão, desigualdade, desaparecimentos, feminicídio, exílio forçado, incluindo uma herança colonialista cuja prova mais séria é o racismo. A história colectiva é inserida na estrutura cultural, e isso também é transmitido. No Brasil, a escravatura produziu diferenças na inserção e efeitos negativos sobre a vida de uma elevada percentagem da população.

Em que medida está o nosso contexto sócio-cultural presente nos institutos e programas de formação para as novas gerações de analistas?

Os processos de descolonização são tidos em conta em relação ao pensamento? Existem particularidades no pensamento psicanalítico em "chave latino-americana"?

Quanto está presente a bibliografia das contribuições dos colegas latino-americanos no âmbito dos seminários?

Estas são algumas questões que ecoam as abordagens e preocupações de colegas de diferentes latitudes. Questões que não estão fechadas, mas que espiral podem levar a outros pontos, mesmo passando por abordagens semelhantes e espero que, a partir da actual Comissão de Formação e Transmissão de Psicanálise da FEPAL, possamos contribuir para trabalhar em todas estas questões, apontando para novos horizontes.